

16/3/1986

Na rua, Quércia e Maluf. Mas Jânio pode calçar as chuteiras

São Paulo — Lances inesperados, indefinição sobre favoritos e uma série de manobras de desdobramentos imprevisíveis marcam a sucessão em São Paulo. Com a divulgação do Plano de Inflação Zero, o PMDB passou da depressão à euforia e seus adversários adotaram uma atitude de cautela. Uns e outros convivem no entanto com a incógnita Jânio Quadros, que não convence ninguém com suas juras de que não disputará.

Depois de algum tempo paralisado pela derrota de novembro passado e pela disputa da legenda entre os vários pretendentes à sucessão do governador Franco Montoro, o PMDB já tem candidato na rua, o vice-governador Orestes Quércia. A briga agora é para indicar o nome de seu companheiro de chapa.

Com a desistência do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, o partido volta a correr o risco de cisão. O deputado José Yunes e o prefeito de São José dos Campos, Robson Marinho, estão em ostensiva campanha pela vice-governança. Montoro, por sua vez, quer a indicação de seu ex-secretário de Planejamento José Serra e alguns pemedebistas defendem a candidatura do ex-ministro Roberto Gusmão, de estreitas ligações políticas com Olavo Setúbal, o que, acreditam, garantiria o apoio do ex-chanceler ao PMDB.

Antonio Ermírio

O PFL, órfão de líderes expressivos desde a renúncia de Setúbal, reúne o diretório regional dia 21 para discutir o lançamento de candidato próprio. O partido vê alguns de seus integrantes defenderem a Aliança Democrática em âmbito estadual e sofre até ameaça de intervenção da direção nacional para que não se engaje na campanha do deputado Paulo Maluf, do PDS.

Dissidentes pefelistas vêm articulando, sob a liderança do deputado Herbert Levy, a candidatura do empresário Antonio Ermírio de Moraes, considerado pelos defensores de seu nome o perfeito liberal: defensor da iniciativa privada, dotado de boa imagem e possuidor da credibilidade da opinião pública. O único problema é que Antonio Ermírio reitera sempre que não aceita cargos, só encargos.

Entre os lances inesperados da sucessão paulista está a volta por cima do deputado Paulo Maluf. Na semana passada, ele tirou da cartola a adesão de um dos principais dirigentes rurais do PT, José de Fátima — líder das greves dos bóias-frias de Guariba —, e reserva um prato indigesto para o PT e o PMDB nos próximos dias.

No programa que o PDS apresentará em rede estadual de rádio e TV serão mostradas cenas de policiais espancando trabalhadores em greve e o próprio José de Fátima. Em uma repetição da tática que usava na campanha presidencial, Maluf alardeia que recebe apoios das bases do PFL, PDT, PMDB e PTB, mas é acusado de blefe porque não revela nomes e, quando o faz, apresenta lideranças inexpressivas.

Na expectativa

Enquanto não descobre o que Jânio Quadros efetivamente pretende — continuar prefeito, ser candidato ao governo ou sair direto da Prefeitura para candidatar-se à Presidência da República — o PTB tem um coringa para a sucessão estadual: o ex-deputado José Roberto Faria Lima.

A desorientação quanto a Jânio, contudo, não afeta só o PTB, mas este partido sofre mais diretamente as conseqüências, mesmo tendo sido abandonado pelo imprevisível prefeito de São Paulo. Na semana passada, o líder petebista na Câmara, Gastone Righi, lembrando-se de afinidades com o PMDB, admitiu a possibilidade de uma coligação com Quércia. Foi rechaçado.

Outro partido que até agora é espectador da sucessão é o PDT. Seu presidente regional, Adhemar de Barros Filho, afirmou em entrevista que pretende convidar Pelé para ser candidato ao governo. O governador Leonel Brizola não voltou a se manifestar, depois de contatos preliminares (antes do pacote) com possíveis futuros dissidentes pemedebistas.

Quanto aos PCs, a estratégia está delineada. O PCB decidiu apoiar Quércia na eleição majoritária e se coligar com o PSB nas proporcionais. O PC do B também vai apoiar Quércia, fará coligação com o PMDB para o Congresso-Constituinte, mas lançará chapa própria para a Assembléia Legislativa.

PT enrascado

Na tentativa de fugir do processo tradicional de escolha de candidatos majoritários, o PT se envolveu em uma grande enrascada: fez uma consulta direta aos diretórios e o deputado federal Eduardo Suplicy venceu, mas a maioria dos dirigentes não gostou do resultado.

Suplicy está sob o logo cruzado dos dirigentes que, aliados a religiosos, sindicalistas e líderes de movimentos populares, conspiram para fazer candidato o ex-deputado Plínio de Arruda Sampaio, derrotado por Montoro em 1982. O prazo final é 6 de abril, quando os cem mil filiados ao partido decidirão pelo voto direto se preferem Suplicy, Plínio ou o deputado federal José Genoíno, também candidato.

(Página 8)